

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

José Benedito de Almeida Júnior

A FILOSOFIA CONTRA A

INTOLERÂNCIA:

Política e Religião no Pensamento de Jean-Jacques Rousseau

SÃO PAULO
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

José Benedito de Almeida Júnior

A FILOSOFIA CONTRA A

INTOLERÂNCIA:

Política e Religião no Pensamento de Jean-Jacques Rousseau

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças de Souza.

SÃO PAULO
2008

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Professora Doutora Maria das Graças de Souza que abriu as portas da pesquisa acadêmica e, com infinita paciência, acompanhou o desenvolvimento dos meus trabalhos. Somente com sua ajuda e seu apoio tive a oportunidade de ingressar nesta carreira. Não há, Graça, palavras que possam fazer jus à grandeza do universo que você descortinou para mim.

Agradeço aos colegas professores, funcionários e alunos do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia que, nestes três anos de convívio, apoiaram de modo decisivo minha inserção no Departamento e o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos funcionários da Universidade de São Paulo, especialmente nas pessoas da Mariê e da Maria Helena, pelo cuidado para conosco. Também agradeço aos professores a quem devo minha formação.

Agradeço a dois colegas em especial, os professores e amigos Luís Felipe Sahd e Ricardo Monteagudo que forneceram referências bibliográficas fundamentais e deram sugestões precisas para esta pesquisa.

DEDICATÓRIA

Este trabalho só pôde ser realizado graças ao envolvimento direto das pessoas a quem qualquer agradecimento é muito pequeno.

Aos meus pais José Benedito e Diomar, a quem devo minha vida e que apoiaram a busca pelo meu caminho.

À minha esposa Ivete, cujo amor alimenta meu espírito. Sua presença me faz sentir o desejo de continuar, a cada dia, merecendo-a.

Aos meus filhos Carolina, Gabriel e Júlio que tiveram a infinita paciência de agüentar as ausências e, algumas vezes, as presenças do pai.

Ao meu sogro José Lino (*in memoriam*) e minha sogra Ivone Batista que, ao assumir todos os cuidados com o lar, permitiu-me concluir este trabalho.

Aos meus familiares: Sherri, Hugo, Helaine, Adilson, Irene, Clóvis, os sobrinhos e a todos que têm paciência nos autos de Natal.

RESUMO

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. A filosofia contra a intolerância: política e religião no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. 2009. 242 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este trabalho tem por objetivo provar que, em primeiro lugar, a despeito das críticas dos contemporâneos de Rousseau e das interpretações de alguns estudiosos de seu pensamento, não há qualquer traço de anti-cristianismo em sua obra e nem mesmo a afirmação da existência de uma antinomia entre cristianismo e política. Em segundo lugar, que Rousseau concebe um tipo de religiosidade pessoal peculiar, que pode ser definida como teísmo cristão, pois ao mesmo tempo em que assume parte dos elementos da religião natural aceita a Bíblia e Cristo como fundamentos de sua fé. Em terceiro lugar, que Rousseau apresenta a Religião Civil como solução original para tratar o problema gerado pela intolerância religiosa na Era Moderna, pois este exige uma nova concepção das relações entre religião e política que não poderia ser encontrada na filosofia política anterior. A Religião Civil, portanto, é uma solução, porque atinge os pontos centrais do problema: é preciso que o soberano seja tolerante em matéria de religião, daí a formulação dos dogmas positivos; mas intolerante para com os intolerantes, sejam os fanáticos ateus ou os fanáticos devotos, daí a necessidade do dogma negativo; por fim, assumindo o papel de religião oficial, não deixa as leis relegadas à própria sorte.

Palavras-chave: Filosofia, Política, Religião, Tolerância, Rousseau.

ABSTRACT

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. Philosophy against the intolerance: politic and religion in the Rousseau's thought. 2009. 242 f. Thesis (Doctoral). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

The objective of this work is to prove, firstly, that in spite of the criticisms of Rousseau's contemporaries and the interpretations of some scholars of his thought, there is no trace of anti-Christianism in his work and not even the affirmation of the existence of an antinomy between Christianity and politics. Secondly, Rousseau conceived of a type of particular private religiosity which may be defined as Christian theism, for at the same time in which he assumes part of the elements of natural religion, he accepts the Bible and Christ as foundations of his faith. Thirdly, Rousseau presents Civil Religion as an original solution for dealing with the problem created by religious intolerance in the Modern Age, for this demands a new conception of the relationship between religion and politics that could not be found in previous political philosophy. Civil Religion is therefore a solution because it touches on the central points of the problem: it is necessary that the sovereign be tolerant in the matter of religion, thus the formulation of the positive dogmas; but intolerant toward the intolerant, whether the fanatics be atheists or devoted followers, thus the need for the negative dogma. Finally, assuming the role of official religion, do not leave the laws relegated to luck itself.

Key-words: Philosophy, politic, religion, tolerance, Rousseau.

SUMÁRIO

Introdução	08
Cristianismo e cidadania: uma reconciliação impossível?	23
O Deus de Rousseau	89
A Filosofia contra a Intolerância	156
Conclusão	225
Referências	236

Introdução

Jean-Jacques atravessou Paris em uma carruagem modelo cabriolé que, sendo aberta, não era adequada para quem estava tentando passar incógnito. Depois de muita insistência dos amigos, resolveu partir da França para que pudesse fugir da perseguição que o aguardava. Provavelmente, já tomado pelo delírio que acompanha os perseguidos, achou que muitas pessoas o cumprimentavam sem que conhecesse nenhuma delas. No caminho entre La Barre e Montmorency passou por um carro de aluguel, ocupado por quatro homens de preto que, como aquelas pessoas desconhecidas, o saudaram sorrindo. Mais tarde soube por Thérèse que, pelo aspecto que apresentavam e pela hora que chegaram, deveriam ser os meirinhos encarregados de prendê-lo.

A cena acima descrita fazia parte de um ambiente político no qual a perseguição de uma pessoa por causa de suas idéias e de seus livros sobre religião, até mesmo suas correspondências particulares, era uma possibilidade concreta. O conflito que se estendia desde as 95 teses de Lutero pregadas na porta da catedral de Wittenberg, atingiu Rousseau também. Mesmo acreditando que demonstrara sua fé cristã na *Profissão de Fé do Vigário de Savóia* e de ter proposto uma solução para o problema da intolerância religiosa com a Religião Civil no *Contrato Social* foi vítima da perseguição intolerante, tanto na França católica, quanto na Genebra protestante. Em ambos os países, suas obras foram censuradas e expediram-se ordens de prisão as quais os amigos lhe aconselharam não se entregar, pois não poderia esperar por um julgamento justo. Fugir era a única saída que lhe restava se quisesse ter alguma oportunidade de se defender, como de fato o fez nas *Cartas Escritas da Montanha* e na *Carta a Christophe*

de Beaumont. No entanto, a partir de 1762, Rousseau não terá mais paz, pois a intolerância, seja dos populares, seja dos intelectuais o colocarão em um estado tal que somente agravaria seus delírios de perseguição. Desabafando de sua situação no início dos *Devaneios do Caminhante Solitário* afirma que seus inimigos erraram no modo de persegui-lo, pois o condenaram a um isolamento total, de onde conseguiu a paz que não teria se tivesse alguma esperança de vir a ser compreendido por seus contemporâneos.

Em 31 de outubro de 1517 Martinho Lutero pregou as 95 teses nas portas da Catedral de Wittengerg dando início, no seio da Igreja Católica, ao movimento que ficou conhecido como Reforma Protestante. O motivo principal de sua revolta foi a pregação do dominicano Tetzel que levou ao extremo a venda das indulgências para financiar a construção da Igreja de São Pedro em Roma. Lutero defendia a tese de que o perdão dava-se pela vontade divina que julga a fé dos homens e não pela aquisição de indulgências, reacendendo, mais uma vez, a polêmica entre a salvação pela fé e a salvação pelas obras. Lutero não tinha a intenção de romper com a Igreja, mas de reformá-la, no entanto, foi excomungado em 03 de janeiro de 1521. A partir daí nascia a Reforma Protestante.

Na França, o protestantismo se expandiu rapidamente e também foi palco de alguns dos episódios mais críticos da intolerância religiosa. Os escritos de Lutero foram impressos e vendidos na França entre 1519 e 1520, mas em 1521 o Parlamento decidiu que somente seriam impressas e comercializadas as obras que tivessem a aprovação da faculdade de teologia. Por outro lado, formou-se o grupo de Meux que tinha como objetivo inicial o de propor uma reforma para a Igreja que vinha sendo marcada por constantes abusos. Dentro deste grupo encontrava-se o Bispo Guilherme Briçonnet e Guilherme Farel. A tese do purgatório, da salvação pelas obras e, especialmente, a da

eucaristia foram publicamente questionadas, levando, em 1526 o Parlamento a proibir qualquer tradução francesa das Escrituras, a divulgação de teses não autorizadas pelos teólogos da Igreja e ordenando a dissolução do grupo.

Não era somente Lutero quem propunha reformas na Igreja Católica. Várias eram as correntes que não estavam de acordo com os rumos que tomava o Vaticano. Depois da ruptura com Lutero a Igreja começa o Concílio de Trento, o qual teve por objetivo propor reformas que deveriam recolocar a Igreja em seu rumo. Dentre os aspectos mais destacados desta reforma, encontra-se alguns sinais de tolerância para com os reformados. Assim, não se pode falar em Contra-Reforma, mas em Reforma Católica, uma vez que este movimento não nasceu exclusivamente como uma resposta à Reforma Protestante, mas já estava em gestação dentro da própria Igreja.

A Reforma Protestante se expandiu por toda a Europa chegando à Genebra especialmente com Guilherme Farel que passou por Berna, Neuchatêl e outras cidades da região estabelecendo-se em Genebra. Chamou para esta cidade o jovem humanista francês que havia sido obrigado a deixar sua terra por ser simpático às idéias de Lutero e lhe ofereceu ali abrigo e oportunidade. No entanto, com o passar dos anos, as divergências entre Farel e Calvino sobre a disciplina eclesiástica foram tais que os habitantes obrigaram ambos a deixarem a cidade. Farel foi para Neuchatêl e Calvino para Estrasburgo. O Conselho de Genebra, porém, pediu que Calvino retornasse para lá em 1541, onde permaneceu até sua morte em 1564.

Calvino publicou a *Christianae Religionis Institutio* em 1536 e, apesar da resistência oficial o número crescente de conversões foi cada vez mais constante. Houve também a adesão de membros da aristocracia, sendo o caso mais significativo o de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

